

Leal e benemerita pérola do Recôncavo Baiano: influências históricas e culturais na toponímia de Santo Amaro da Purificação

Loyal and meritorious pearl of Bahian Recôncavo: historical and cultural influences in the Santo Amaro da Purificação toponymy

Tainá da Silva SANTOS*

Eduardo Ferreira dos SANTOS**

RESUMO: Nosso trabalho tem como objetivo apresentar alguns aspectos da toponímia da cidade de Santo Amaro da Purificação, localizada no Recôncavo Baiano. Assim, retomamos trabalhos que consideram a relação toponímica como uma realidade influenciada por fatores sócio-histórico-culturais dentro de um tempo histórico, marcado pelo culto a homenagens, além de trabalhos que estudam a historicidade de Santo Amaro e do Recôncavo. Para alcançarmos nossos objetivos, partimos para uma exploração e descrição de alguns espaços do município buscando compreender as nomenclaturas que são lhe dadas, sejam no âmbito oficial ou pela nomeação popular. Os resultados, mesmo que preliminares, apontam que mesmo com uma toponímia imposta por formalidades políticas, a população ressignifica esses nomes.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia Oficial. Toponímia Popular. História. Santo Amaro.

ABSTRACT: Our work aims to present some aspects of the toponymy of the city of Santo Amaro da Purificação, located in Recôncavo Baiano. Thus, we resume works that consider the toponymic relationship as a reality influenced by socio-historical-cultural factors within a historical time, marked by the cult of honors, in addition to works that study the historicity of Santo Amaro and Recôncavo. In order to achieve our goals, we set out to explore and describe some spaces in the municipality, seeking to understand the nomenclatures that are given to them, either at the official level or by popular nomination. The results, even if preliminary, point out that even with a toponymy imposed by political formalities, the population signifies these names.

KEYWORDS: Official Toponymy. Popular Toponymy. History. Santo Amaro.

* Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4033-5759>. taina_ssantos@outlook.com.

** Doutor em Letras pela USP. Professor do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9127-9235>. eduardo@unilab.edu.br.

1 Introdução

Diversos grupos sociais utilizam-se de suas culturas e traços ideológicos para nomearem signos distintos, que englobam desde nome de pessoas ou espaços naturais. A natureza em si e a própria realidade fazem parte dessa construção, ao lado dos fatos memoráveis, já que “são recortes de uma realidade vivenciada, conscientemente, ou não, pelo denominador isolado ou pelo próprio grupo, numa absorção coletiva dos valores especiais que representam a mentalidade do tempo histórico ou ethos grupal” (DICK, 1998, p. 97).

Desse modo, sendo uma prática social, cujos resultados resgatam histórias de fixação ou vitalização de nomenclaturas, podemos dizer que existe uma relação entre dimensões variáveis (forma, tamanho, constituição natural, narrativas de habitantes e outros fatores) que contribuem na designação desses signos linguísticos.

Segundo Biderman (2006, p. 35):

Ao dar nomes às entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas.

Quando nos apropriamos dessa concepção, em função toponímica, tomamos o princípio de que o signo linguístico “representaria uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado” (DICK, 1980, p. 290). Nesse sentido, a própria nomenclatura geográfica comporta um caráter significativo comparado à realidade, que nem sempre será correspondido ao seu conceito ou a uma imagem acústica aproximativa de sua autenticidade, e uma especulação de cunho fantasioso poderá caracterizá-la.

A análise semântica empregada nos léxicos dos falantes santo-amarenses abre um leque de possibilidades de como essa comunidade vê o mundo, pois o “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade” (OLIVEIRA; ESQUERDO, 2001, p. 9). A ideia de considerar significado como uma espécie de relação, e não de entidade, traz perspectivas da inter-relação entre nome, cultura, parte da história e diferentes grupos sociolinguísticos que se ampliaram no léxico de Santo Amaro.

Diante disso, a população da cidade de Santo Amaro esconde por trás dos seus costumes, valores que contribuíram direta e indiretamente na edificação simbólica da nomenclatura local. Embora existam meritocracias, e/ou homenagens significativas, é sempre o nome atribuído pelo povo que permanece e, graças a essa distinção, essa cidade torna-se parte da valorização sociocultural que emerge todo o sistema lexical dos indivíduos. E, ainda que não saibam, ou mesmo não haja interesse em buscar os porquês, o que vale é sempre a intenção de familiarizar o que se vê, ou têm-se como aspecto favorável.

Nessa perspectiva, nosso trabalho objetiva fazer um levantamento, não exaustivo, de influências históricas e culturais na toponímia da cidade de Santo Amaro. Além desta introdução (1), na seção 2 faremos uma breve abordagem da toponímia enquanto campo de estudo interdisciplinar e sua relação com o sistema lexical enquanto unidade de sentido e o papel da história e da cultura como influenciadores diretos nos nomes de lugar. Em seguida, na seção 3, apresentamos aspectos sócio-históricos, econômicos e culturais da cidade de Santo Amaro/BA. Na seção 4, há uma síntese acerca da pesquisa de campo e da metodologia para a realização do trabalho que nos levaram a análise toponímica apresentada na seção 5. As considerações finais encerram o trabalho mostrando que, como em qualquer outro lugar, o processo de nomeação simbólica perpassa por todo um processo de

civilização, porém, visibiliza que, em Santo Amaro, muitas dessas imposições nas nomeações têm sido rompidas.

2 Toponímia: uma breve definição

Nos estudos linguísticos, reserva-se à Onomástica os estudos sobre a origem dos nomes próprios, sendo subdivida em duas partes: a Antroponímia – que se volta para os estudos dos nomes próprios de pessoas – e a Toponímia – que tem como escopo o nome de lugares.

Segundo Pimenta (2003, p. 279), “a toponímia deriva de um modo de comunicação socialmente produzido culturalmente e apropriado.”. Para o autor, é impossível estudar isoladamente um aspecto dos dados dentro dessa abordagem contextual de significação, pois será a integração dos fatos sociais que agregará significados nas demarcações regionais, considerando a própria origem dos seus nomes. Com isso, é importante a interação do ser humano com a sua comunidade de fala, tendo em vista uma referência a ser lembrada em um espaço temporal.

Nos estudos toponímicos, há a retratação de fatores ideológicos advindos de uma vivência coletiva que mostra, ainda que indiretamente, traços de um recorte da própria realidade ou de uma representatividade idealizada, em que quase sempre se permeia uma homenagem, seja por alguma data-marco ou algum feito com impactos na sociedade, não raro acompanhada por designações de prestígio ou até mesmo de “bajulações” pessoais.

Os topônimos, então, apresentam-se como

Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (DICK, 1990, p. 21-22).

Assim, a comunicação e a vivência social são instrumentos que facilitam essa escolha na nomeação, junto a fatores como sincretismo religioso, posicionamentos políticos, ideologias de esfera humanitária. O saber toponímico permite ao indivíduo, então, conhecer um pouco mais da sua cultura, história, tempo e espaço físico, sobretudo porque, ao trazer esses artefatos lidamos com a formação da nossa própria história.

A relação dos nomes dentro do campo icônico para o campo axiológico da relação semiótica na composição da palavra é interpretada dentro de uma seleção articulada pelo nomeador. Com isso:

[...] o texto toponímico ou onomástico vai-se construindo a partir de pequenos fragmentos de um domínio maior, em que a "palavra" e a sua "lógica interna" podem levar a sacralização ou ao realismo (...) para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciador/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais (DICK, 1998, p. 101).

Dessa forma, a definição toponímica viabiliza a valorização do comportamento humano, e ultrapassa qualquer esfera linguística que a simplifique como uma nomeação qualquer. Acima disso está o homem, seu valor étnico, sua origem, sua língua, sua cultura, sua ideologia, seu lugar de fala e principalmente, suas memórias. A toponímia não deve ser tratada como um simples sistema que registra nomes do passado ou do presente, e sim, como um constante ativador de memórias ligado a lexicologia de cada sociedade.

A ação de nomear lugares e coisas é antiga, para além de ter muito da relação que fazemos com nossos antepassados, uma vez que, "foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais" (BIDERMAN, 1987, p. 81). Sabemos que a língua muda com o passar dos tempos e, assim como ela, o ato de criar e adquirir empréstimos linguísticos também. Nessa perspectiva, os topônimos atuam como

resultados dessa mudança e da comunicação entre povos que compactuam da mesma comunidade, fonte de influência histórica.

Sendo o léxico, em uma de suas definições, o código linguístico que existe em uma comunidade, podemos atribuir à toponímia, uma noção de valor expressa por uma unidade lexical de sentido e que nos permite refletir sobre a relação entre significante e significado trazida pelos signos que nomeiam determinados lugares.

Para Biderman (1987), o léxico se processa com a cognição da realidade e com a categorização de experiências, cristalizado em signos linguísticos, ou seja, palavras. Dessa forma, é importante lembrar que:

Os conceitos são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognocitiva desses dados surgem as categorizações lingüísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. Assim podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes (BIDERMAN, 1987, p. 82).

Embora pertença à realidade da sociedade, as formas de palavras empregadas nos nomes de lugar, em sua maioria, não possuem autonomia. Isso acontece porque, muitos dos nomes são concedidos por um poder que nem sempre escuta a vontade popular e por um sistema capitalista/mercadológico, com expressivo juízo de valor atribuído para privilegiar escolhas que exprimem a soberania imposta sobre a classe minoritária, com um ideal de meritocracia por vezes desconhecida e/ou desnecessária.

Essa política do branqueamento imposta não representa a identidade local quando, por exemplo, nomeia/homenageia um território com o nome de membros de uma suposta elite – e seus familiares, por exemplo – sem feitos positivos para à historicidade local. Será que é isso que a sociedade quer? Por que guardar simbolicamente uma nomenclatura que não nos representa? É muito mais válido e

importante registrar e valorizar aquilo que a terra oferece enquanto identidade étnico-cultural.

No entanto, o vocabulário atribuído pela população possui sua própria autonomia, já que o vocabulário de um indivíduo é um componente de seu idioleto, isto é, da língua que ele domina e fala e, como resultado, dá a esses lugares, novos topônimos e “apelidos”, de acordo aos aspectos de sua vivência e cultura. Os falantes transferem, para o seu local de convívio, a sua realidade de fala e fonte de interação com o meio e registro de sua historicidade.

A influência dos aspectos histórico-culturais na escolha da toponímia é simbólica, tanto na proporção geográfica, quanto na definição ideológica. Enaltecer o existente no mundo, aquilo que se traz como verdade, dentro de um processo desmistificador da realidade, é um resgate de memórias. Na nomenclatura local, o que se pretende é guardar aquilo que um dia se fez valer a pena, e é por isso que a história mais uma vez se relaciona com a cultura. Pensar que determinado lugar tem seu nome acarretado de um fator histórico, que gerou comoção nacional, é também prevalecer às características que adjetivam a comunidade.

Dar espaço àquilo que se traz como suporte cultural, vai mais além de qualquer mérito. Afinal de contas é com o indivíduo em sua relação sócio-histórico-cultural que estamos lidando. De que adianta nomear um lugar com um personagem que sequer se conhece a história? Será que, na sociedade um nome concedido por um costume, um momento, um morador memorável ou até brincadeiras, não teria uma ideologia simbólica?

De acordo com Dick (1998, p. 100):

A organização coletiva que conduz as relações dos indivíduos entre si traça uma rede semiótica de tensões e conflitos que se tornam a face visível do topônimo, no momento da doação. Assim, em função do dominante, definem-se situações reveladoras, pelos nomes

empregados, de poder, autoridade, opressão; e, no piano do dominado, submissão, obediência ou acomodação.

É muito mais fácil lembrar, saber, conhecer e até gravar os apelidos que damos numa íntima rotina de nossos costumes. Nesse sentido:

[...] os topônimos, como parte da língua de um povo, de sua documentação lexical (substratos e adstratos) de etnias e falares, espelham seus interesses, seus valores, sua realidade, estabelecendo, assim, uma relação fundamental entre a língua e a cultura dessa comunidade (...) os nomes dos topos também são importantes porque neles são registradas ocorrências históricas, sociais e linguísticas de um povo (...) as várias manifestações da língua poderão manter-se vivas na Toponímia local, já que, às vezes, o topônimo é o único registro das marcas do acidente físico ou das circunstâncias que motivaram seu batismo (MATOS, 2018, p. 37).

3 Leal e Benemerita Pérola do Recôncavo: a cidade de Santo Amaro da Purificação

Para falarmos de Santo Amaro, é necessário que façamos uma breve apresentação do que se entende pela região conhecida como Recôncavo Baiano e onde se localiza o município. Seguindo Nacif (2010):

O termo recôncavo, originalmente usado para designar o conjunto de terras em torno de qualquer baía, se associou, no Brasil, desde os primórdios da colonização, à região que forma um arco em torno da Baía de Todos-os-Santos. Essa região se caracteriza não apenas pelas suas incríveis variáveis físico-naturais, mas, sobretudo, por sua história e dinâmica sociocultural.

É bastante conhecida a emergência do complexo canavieiro ao norte dessa Baía (nos solos localmente denominados massapês), associado, no sul do Recôncavo e ao norte de Salvador, à produção de gêneros alimentícios, madeiras e fumo. Nesse processo, os colonizadores portugueses dizimaram dezenas de aldeias tupinambás e fizeram do Recôncavo um dos principais destinos da diáspora africana. Aqui, as ações dos donos do poder encontraram infinitas formas de resistências por meio de rebeliões, fugas, negociações e redimensionamentos culturais, exercitadas pelos povos dominados.

Santo Amaro nasceu com o nome de Villa de Sam Francisco da Barra de Sergipe do Conde e renomeada, em 5 de janeiro de 1727 para Vila e Município de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro. Com a lei provincial n.º43, de 13 de março de 1837, a vila foi elevada a condição de município e recebeu o nome pelo qual a conhecemos atualmente.

A cidade é aclamada por Leal e Benemerita Pérola do Recôncavo devido a muitas colaborações prestadas. No período imperial, recebe o título de “Leal e Benemerita” por causa de suas contribuições no processo de independência do Brasil. Nos tempos atuais, é também nomeada “Pérola do Recôncavo”, sobretudo pelas riquezas socioculturais que o município tem. Essas duas alcunhas já apontam para traços de uma memória marcada por recortes da realidade que, de certa forma, homenageiam um espaço repleto de histórias.

De acordo com o último censo feito pelo IBGE, em 2010, Santo Amaro possui 57800 habitantes¹ distribuídos em três distritos – Santo Amaro (sede), Acupe e Oliveira dos Campinhos – além de alguns povoados na zona rural. O município faz divisa com os distritos de Saubara, São Francisco do Conde, Mata da Aliança, Humildes e Afligidos. Além disso, há os municípios de Conceição do Jacuípe, Amélia Rodrigues, Feira de Santana, São Sebastião do Passé, São Francisco do Conde, Saubara, Cachoeira e São Gonçalo dos Campos como municípios limítrofes.

Santo Amaro encontra-se às margens dos rios Serjimirim e Subaé, sendo este último, apesar de sua poluição, importante para a economia até os dias de hoje. Por falar em economia, o município tem entre suas principais atividades a agricultura e a pecuária, embora já tivesse algumas fábricas importantes instaladas em suas terras.

O solo fértil do tipo massapé contribuiu para que Santo Amaro fosse destaque na produção de farinha de mandioca e cana-de-açúcar – as duas principais fontes de

¹ Cf. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-amaro/panorama>. Acesso em: 14 set. 2020.

renda por muito tempo –; fumo; milho; feijão andu (guandu) – típico da região; corda; mangalô; fava; raízes; frutas tropicais; legumes e verduras.

O pescado e o marisco movimentam outra parte da economia em Santo Amaro, principalmente no distrito de Acupe. O mercado da cidade é vislumbrado todos os dias com esse tipo de mercadoria. O diferencial está no marisco encontrado na região, o famoso mapé, sururu, ostra, goiamum, aratu, fuminho, lambreta, entre outros. Seu pescado movimenta o comércio de camarão, visto que, o distrito de Acupe tem um grande viveiro e os peixes encontrados nas águas doces da cidade têm um sabor diferenciado. Na maré da Caeira, parte do bairro do Trapiche, podem ser encontrados tipos como tilápia, traíra, carapeba, acari, rubalo, acará, amoreira, bagre, pitu (semelhante à lagosta), peixes grandes com carnes macias e levemente adocicadas.

Um outro destaque do município é o turismo que acontece em grande escala em períodos de veraneio. A cidade tem muitas cachoeiras pequenas, como a da Vitória e a do Urubu, poços, como o da Mãe d'água, ambos com acesso por meio de trilha, pequenos riachos, como o da Lastrela, e uma praia, Itapema.

O que de fato movimenta Santo Amaro é a tradicional novena de Nossa Senhora da Purificação e os festejos que acontecem entre esses nove dias, além da tradicional lavagem da cidade. Anualmente, nos últimos dias do mês de janeiro e dois primeiros dias do mês de fevereiro, totalizando nove dias, a cidade recebe fieis de diversos lugares e, juntos, cultuam da fé católica e os festejos profanos que acontecem em tempo similar. Nesta semana, no último domingo do mês de janeiro, a igreja não celebra missa e o cortejo baiano realiza a tradicional lavagem da escadaria da igreja matriz, saindo da residência da considerada matriarca da cidade, já falecida, Dona Canô. Muitos personagens locais e famosos participam desse momento.

Turistas de diversos estados e países vêm conhecer o sincretismo religioso que move o município. Na semana da data da abolição da escravatura no Brasil, 13 de maio, acontece o famoso “Bembé do Mercado”. A celebração é tradição na cidade há

130 anos, com a cerimônia do candomblé e as manifestações que tal religião desenvolveu enquanto cultura afro-brasileira. Há o culto aos orixás, exceto na sexta-feira, em respeito a Oxalá, e no domingo, saem os presentes destinados as Iabás Oxum e Iemanjá, que são arriados em oferendas na praia de Itapema.

Das diversas histórias que envolvem Santo Amaro, destacamos o “Nego Fugido”, uma figura que simboliza os negros que se escondiam nas matas e buscavam quilombos para se verem livres dos capitães do mato que se empenhavam em suas caçadas. Até hoje essas histórias são reproduzidas, por exemplo, no distrito de Acupe, uma vez que, esse fora um dos primeiros quilombos do período escravocrata para onde os escravos refugiavam. Além do “Nego Fugido”, temos as “caretas de Acupe”, com um toque de terror nas máscaras usadas pelas pessoas, mas também com tom lúdico, principalmente no Carnaval.

No campo artístico, a cidade é (re)conhecida pelos seus ilustres filhos da terra, como na área musical com Dona Edith do Prato, Nicinha do Samba, Caetano Veloso, intérpretes, Maria Bethânia, Roberto Mendes; na literatura com escritores como Professora Maria Mutti e poetas como Nestor de Oliveira e Vancir Salles; no campo científico, com doutores e pesquisadores, como Osvaldo Cruz, Elvira de Queiroz, João Araújo e José Silveira.

4 Percorso metodológico

As bases metodológicas para o levantamento dos topônimos se caracterizam enquanto pesquisa qualitativa, com finalidade exploratória e descritiva, uma vez que, através de dados narrativos, bem como de artefatos históricos e culturais (conversação/entrevistas, observação e livros com a historicidade da cidade) foram estudadas contribuições e influências sócio-histórico-culturais acerca da toponímia de Santo Amaro.

Segundo Minayo (2007 *apud* SILVA *et al.*, 2018, p. 169):

Na abordagem qualitativa, a subjetividade e o simbolismo estão presentes, possibilitando uma aproximação aprofundada dos significados das relações humanas, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, o trabalho apresenta interpretações de diferentes contextos.

Uma parte de nossa análise dá-se pelos relatos de conhecimento pessoal advindos de um dos autores deste trabalho, uma cidadã santo-amarense. A partir de sua vivência, consideramos seu próprio conhecimento sobre o município, relatos repassados entre familiares, entes próximos e moradores da cidade, no que concerne aos nomes/nomeação dos espaços de Santo Amaro, destacando o papel do indivíduo na construção identitária cultural. Essa representatividade é imprescindível para que possamos entender como essas construções traduzem um conceito de identidade, a qual se faz a partir de vivências e registros socioculturais. Por isso, a utilização de dados/relatos de pequenos grupos sociais faz-se relevante à medida que mostra a importância de compreender Santo Amaro enquanto cidade do Recôncavo Baiano, e principalmente, as diversas possibilidades de identidade cultural deste lugar.

Outro processo para o levantamento de dados consistiu no exame das escrituras dos acervos e arquivos da cidade (Casa Veloso, Casa Fundação José Silveira e a Biblioteca José Silveira), além dos documentos que indicavam nomenclaturas extintas e atuais encontradas no acervo da prefeitura municipal. Também foram consultadas páginas oficiais do município na internet, assim como consultas aos periódicos online que abordavam tanto a temática da toponímia em geral, como trabalhos que privilegiavam aspectos sócio-históricos de Santo Amaro.

Prosseguindo, foram analisados os comportamentos de alguns topônimos mediante algumas situações, sobretudo, seu uso real enquanto marca identitária,

cotejando as informações advindas da interação com os munícipes e com os documentos/materiais oficiais impressos.

5 Influências históricas e culturais na toponímia de Santo Amaro da Purificação

A composição dos topônimos de Santo Amaro decorre da macrovisão de sua cultura e de homenagens a personagens que marcaram o território, composta por uma elite branca, indígenas e quilombolas que contribuíram para isso.

Seja em vida ou em morte, esses personagens tornaram-se memoráveis por bons ou maus feitos e trazer essas convicções para os santo-amarenses permite reverenciar um pedaço da história que ainda não fora explorada. Aproximamo-nos, assim, de Dick (1998, p. 99) ao apontar que “tudo é homenagem, culto à personalidade do indivíduo, sacralização em vida de um procedimento que os modernos institucionalizaram como medida pós-morte”.

Iniciando pelo nome da cidade, notamos que a apelidação dada ultrapassa qualquer escrito no mapa, sobretudo, porque o nome oficial registrado é Santo Amaro. Porém, a população do município, em sua grande maioria, sempre adota um complemento que representa o sincretismo religioso, a representação da figura “pura e casta da virgem Nossa Senhora da Purificação”, ou seja, a imagem de Maria (mãe de Cristo) representada em uma das muitas versões católicas, que de alguma forma simboliza a fé de muitos santo-amarenses, resultando assim, em Santo Amaro da Purificação. Decerto, o poder e a influência católica na região ativaram essa tradição. É possível perceber isso em um trecho do registro histórico da cidade, disponibilizado na biblioteca virtual do IBGE:

Como o referido sítio não fosse conveniente fundou-se, meia légua acima, uma igreja no lugar denominado Santo Amaro, por existir nele uma capela consagrada ao Santo desse nome, além de pequeno núcleo de colonos vizinhos, origem da atual Cidade. Com a posterior criação

da freguesia, passou a localidade a denominar-se, não oficialmente, Santo Amaro da Purificação.

A cada mudança governamental, alguns espaços têm seu topônimo modificado e pouquíssimas mudanças refletem alguma vontade popular, pois, geralmente, são utilizados nomes de parentes ou pessoas próximas desses personagens governamentais ou homenagens a pessoas ilustres e conhecidas, mas não necessariamente com algum vínculo com o município.

Reforça-se, assim, o questionamento de que até que ponto a comunidade intervém nessas escolhas. Será que os santo-amarenses concordam com essas homenagens hierárquicas? Será que sabem como são feitas essas escolhas? Por que não interferem? O que fazer diante do descaso? Será que a comunidade nota situações como essa? É difícil responder algumas dessas questões, sobretudo pela própria falta de interesse em buscar, conhecer, e/ou até mesmo entender o motivo dessas homenagens e nomeações dos espaços.

Como exemplo, podemos tomar o estádio municipal de futebol da cidade, nomeado “Estádio Municipal Jonathas Enéas do Carmo”. Quem foi Jonathas? A população local conhece ou reconhece seu papel no município? Qual o simbolismo dessa nomeação para a cidade? Em nossa interação com alguns munícipes, e destacamos, a maioria, responderem não conhecer a figura destacada pelo nome do estádio. No entanto, para o ex-prefeito da cidade, único reeleito na história de Santo Amaro, Ricardo Jasson Magalhães Machado do Carmo, esse topônimo tem alguma importância, e de certa forma, representatividade, uma vez que o nome do estádio alude a um parente seu.

Dick (1998, p. 118) aborda bem essa questão ao enfatizar que:

[...] O que muda de uma região a outra e mesmo em tempos cíclicos, e a personagem homenageada. Existem as constantes, sempre presentes na onomástica, os dirigentes políticos, reis, imperadores, os que fazem

a história da terra e do povo, independentemente dos reais méritos. Mas há também os que nada produziram em prol da coletividade, o seu raio de atuação não ultrapassando o pequeno núcleo onde viveram; mesmo assim conseguem uma homenagem, ainda que a comunidade não participe da escolha e reaja de modo indiferente ao novo nome.

Ainda no âmbito das homenagens, temos no município a “Rua Presidente Kennedy”. Levantamento em arquivos históricos ou consultas aos moradores e/ou conhecedores da história de Santo Amaro não apontam nenhuma presença de pessoa ilustre ou cidadão comum santo-amarense com esta alcunha. Acreditamos ser, então, uma menção ao presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy, ou JFK como era também conhecido, assassinado em 22 de novembro de 1963, tendo iniciado seu mandato em 1961. Não é raro, inclusive, diversos logradouros em território brasileiro levarem o nome de JFK o que parece ser um caso típico de nomeação a partir de uma persona estrangeira. Dick (1998, p.100) explicita como funciona a homenagem:

[...] a homenagem, no caso, nivela as diferenças, igualando-as no uso onomástico. No fundo, o que permeia essas ligações é a presença do denominador, que poderá ser, ou não, o próprio homenageado; quando não o for, costuma-se levar em conta, no processo, fatores como "comoção nacional", "impacto na sociedade", a justificar a escolha (DICK, 1998, p. 100).]

Nesse sentido, ficam as perguntas: Qual relevância esse personagem tem para Santo Amaro? Qual a influência dessa figura na historicidade da cidade? Acreditamos que a maioria não saiba responder a essas perguntas. Assim

A organização coletiva que conduz as relações dos indivíduos entre si traça uma rede semiótica de tensões e conflitos que se tornam a face visível do topônimo, no momento da doação. Assim, em função do dominante, definem-se situações reveladoras, pelos nomes empregados, de poder, autoridade, opressão; e, no plano do dominado, submissão, obediência ou acomodação (DICK, 1998, p. 100).

O caso da “Rua Presidente Kennedy” é importante para exemplificarmos como a comunidade redefine o nome de um local. Em nossas consultas, a referida rua é sempre associada ao nome “Rua do Caquende”. Alguns santo-amarenses realizavam a pronúncia “Rua do Caquene” ou “Rua do Quene”, o que poderia apontar para uma redução fonológica da sílaba [di] de “Kennedy”. Ressaltamos, no entanto, que há registros da origem etimológica do termo “caquende” como sendo

cursos água, freqüentemente associada à devoção de N.S. do Rosário, e existem várias ocorrências toponímicas nesse sentido: em Ouro Preto, Cachoeira do Campo, Sabará, contudo em Ouro Preto é intitulado “manancial de esgoto colonial a ser preservado a céu aberto com odores dos séculos” (ALVES *et al.* 2011, p. 94).

Também temos menção a “Zona do Caquende” como primeiro núcleo de povoamento da cidade de Cachoeira que, assim como Santo Amaro, faz parte do Recôncavo Baiano. Segundo Santana e Teixeira (2019 ,p. 101), a “Zona do Caquende”

teve origem quando da construção do convento da Ordem Terceira do Carmo. Acredita que naquele local vivia uma comunidade indígena, que exercia atividades de pescadores, de canoieiros e de artesãos. Por exemplo, a travessia de Cachoeira para São Felix pelo Rio Paraguaçu através de canoas era uma atividade desenvolvida pelos índios com a supervisão e a chancela da referida ordem. Essa prática sobreviveu até 1980 e todos os canoieiros, os artesãos, os ceramistas e os pescadores eram moradores do Caquende.

Assim como apontou Alves *et al.* (2011), “caquende” é uma ocorrência toponímica que ocorre em espaços geográficos diferentes. Chamou-nos a atenção que, em Santo Amaro, também ocorre uma devoção a Nossa Senhora do Rosário, como ocorre em Ouro Preto, com uma igreja no município e uma festa importante todo ano em homenagem a santa. Pontuamos, contudo, que próximo à rua não conseguimos detectar nenhum fato físico/concreto que remetesse a algum manancial em particular.

Santana e Teixeira (2019) não fazem menção a origem do termo “caquende” em si, mas também chamou-nos atenção as referências a presença indígena nesta zona na cidade de Cachoeira que guarda muitas similaridades históricas, políticas e sociais com Santo Amaro, destacando a forte presença indígena e negro-africana, tão características do Recôncavo.

Continuando na esfera da apelidação, podemos mencionar a “Rua Nova Esperança”, localizada na entrada da Fazenda da Pedra. Em nossa interpelação com alguns munícipes, a rua era reconhecida como “Rua do Xibiu sem Freio”. De acordo com moradores mais antigos, era nessa rua que alguns homens casados levavam meninas mais novas para namorar já que era um espaço ainda sem muitas casas e ocupação, de fato, e com um matagal extenso que facilitava o anonimato das ações destes homens. Ressalta-se, também, que o termo “xibiu” é utilizado popularmente para se referir ao órgão genital feminino.

Outra rua com apelidação é a “Rua Caetano Valadares” que todos chamam de “Rua das Viúvas”. Conta-se que, em período temporal não determinado, durante os festejos do Bembé do Mercado muitos maridos dessa rua faleceram nas proximidades do festejo ficando conhecida por esse apelido. Também temos a “Rua do Corre Nu” situada no quilombo de Cambuta, conhecido por “Conjunto Invasão da Nova Santo Amaro” (um dos quilombos da cidade). Esta rua passou a ser chamada desse modo porque, segundo moradores, um homem casado estava traindo sua esposa em um matagal da rua e, ao ser visto por alguns vizinhos, saiu correndo e sem roupas.

Em Santo Amaro, tivemos para além dos índios como nativos, a presença de brancos e de negros escravizados. Essa diversidade de povos reflete a sociedade brasileira que

de um modo geral, apresenta-se como uma composição étnica heterogênea, contraposta a uma homogeneidade lingüística definida pela língua padrão. A consequência de contato de povos diferentes foi a incorporação pelo léxico português de um vocabulário marcado por

termos dos três troncos indígenas reconhecidos (tupi, arwak, makro-jê) e de famílias não relacionadas a troncos (Karib), de africanismos coloniais e de estrangeirismos modernos e contemporâneos, além de elementos culturais e comportamentais propriamente ditos (DICK, 1998, p.106).

Em relação aos topônimos de origem indígena, temos que relacioná-los a presença dos índios das etnias Abatirá, Tupinambá e Caeté, considerados os nativos da cidade (CERQUEIRA, 2016, p. 23-25). Assim, podemos notar alguns logradouros que permanecem com uma etimologia indígena em seus nomes oficiais ou substituem por um outro nome de provável herança indígena:

Quadro 1 – Topônimos com influência indígena.

Logradouro	Nomeação popular
Rua 3 do Sinimbu	Sinimbu
Sítio Camaçari	Sítio Camaçari
Rua Barão de Sergy (Sergi)	Ponte Sergimirim
Serra da Pitanga	Serra da Pitanga

Fonte: elaborado pelos autores.

No Quadro 1, podemos notar que Sinimbu, Camaçari e Pitanga são topônimos de origem indígena que mantiveram a mesma forma na nomeação popular. Destaca-se, contudo, que o topônimo que se refere a um Barão, uma posição aristocrática, na nomeação popular é conhecido a partir de um nome de origem indígena (Sergimirim).

A cidade de Santo Amaro também foi cenário de grande participação de negros escravizados na constituição de seu povo. Segundo Pedreira (1977, p. 197):

Devido ao grande número de “engenhos” e a necessidade de braços para a lavoura de cana-de-açúcar, já que fôra proibida a escravização dos indígenas, os proprietários dos mesmos “engenhos” viram-se obrigados a recorrer à escravatura negra. Os negros, entretanto, vendo-se maltratados pelos “senhores”, revoltavam-se e, fugindo para os matos, formaram alí pequenas povoações bem defendidas e cercadas por estacas de madeira, que foram denominadas de “quilombos” ou “mocambos”.

Atualmente, reconhecemos alguns destes quilombos pelo nome de “São Braz”, “Acupe”, “Cambuta”, dentre outros, que mantêm vivos muitos dos aspectos sócio-histórico-culturais do município, principalmente no que diz respeito à herança africana. Um topônimo que marca essa constante luta por representatividade e memória do município está localizado no bairro Trapiche de Baixo, em uma das ruas que o interliga ao quilombo Cambuta: a “Rua 2 Travessa João Soldado”. De acordo com Santos (2016, p. 54), nome da rua “é uma homenagem a João Barbosa dos Santos ou, simplesmente, João Soldado, ex-pescador que morreu após salvar quatro pessoas”. Com certeza, João Soldado foi um personagem que marcou significativamente esses conterrâneos e é justamente essa representatividade que mostra a toponímia como resultado de homenagens ou devoção ao indivíduo, como já vimos em Dick (1998, p.99), principalmente como recurso pós-mortem.

Outra nomeação que merece destaque e está atrelado a um aspecto sociopolítico da cidade é o “Conjunto Invasão da Nova Santo Amaro”, localizado no quilombo Cambuta. Segundo Santos (2016, p. 53):

O conjunto Invasão da Nova Santo Amaro tem esse nome por ter sido formada a partir de uma provável invasão, iniciada na década de 1970, no mandato do prefeito Manoel Marques. Este conjunto faz divisa com outro conjunto, conhecido por abrigar a classe média santamarense, chamado Nova Santo Amaro. De acordo com Joaquim Filho, estudante de história da UFRB que participou da comissão do plano diretor urbano municipal da prefeitura de Santo Amaro, ao contrário da Invasão da Nova Santo Amaro, como próprio nome diz, o conjunto Nova Santo Amaro é reconhecida pela prefeitura e tem escritura registrada.

Vejamos outros topônimos com influência quilombola:

Quadro 2 – Topônimos com influência quilombola/africana.

Logradouro	Nomeação popular
Rua 2 Travessa João do Soldado	Rua João Soldado
Avenida 3 João Barbosa dos Santos	Rua João Soldado

Travessa 3 Tanque Senzala	Tanque Senzala
Travessa Iansã	Travessa Iansã

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir do Quadro 2, podemos notar que no município há logradouros que guardam uma certa memória de personagens locais e com importância, mesmo que afetiva, de um determinado espaço com identidade política-cultural como um quilombo e a figura de “João Soldado”, por exemplo. Além disso, destaca-se o termo “senzala” e “Iansã”, tão (re)conhecidos no âmbito de nossa memória e identidade afro-brasileira.

Ao lado dos índios e dos negros, outra parcela constitutiva da população santamarense deu-se pelos portugueses. Segundo Pedreira (1977, p. 214):

[...] a própria passagem da antiga povoação edificada na “várzea de Santo Amaro” a categoria de Vila e Município em 1727, se deu (...) porque naquelas plagas se assentara, de preferência, a aristocracia fidalga com os seus grandes latifúndios onde gemiam as gigantescas moendas dos engenhos, arrastadas pelos bois-de-carro e pelos negros escravos.

Chamaremos essa presença portuguesa como uma influência “aristocrática” no que concerne a alguns topônimos que encontramos na cidade, pois conforme veremos a seguir, baseia-se em personagens e estruturas políticas que fogem de uma representação popular. Para Dick (1998, p. 99):

Nomes assim constituídos destacam a relação dominante/dominado, ou melhor dizendo, o poder do mando e da sujeição, mesmo nas regiões em que o exercício de autoridade não se define pelo continuísmo ou pela transmissão hereditária. A toponímia antroponímica, por esses constituintes, reflete, subjacente a forma, motivos de ordem psicológica mais profunda, que levam o pesquisador a tentativas de explicação. Escapando do plano do próprio código, em nível interno, projetam-se no real ou no contexto externo. Nem sempre, porém, o modelo adotado se explica, exclusivamente por causas íntimas ou pessoais. Mas revela muito da

pressão social, da coerção que o próprio sistema impõe aos seus membros.

Quadro 3 – Topônimos com influência “aristocrática”.

Logradouro	Nomeação popular
Rua General Argolo	Rua Lisa
Avenida Viana Bandeira	Rua Direita
Rua Marechal Deodoro	Beco das Combes da Pedra
Avenida Presidente Vargas	Rua do Cigano/Rua do Fórum
Avenida Ferreira Bandeira	Estrada dos Carros
Avenida Presidente Kennedy	Rua do Caquende

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir do Quadro 3, podemos notar que nenhum logradouro que possui oficialmente uma menção a figuras do campo “aristocrático” sustenta sua nomeação no âmbito popular. Embora seja uma das principais vias da cidade, a Avenida Presidente Vargas é popularmente conhecida pelo órgão fundamental ali instalado: o Fórum. O mesmo vale para a Avenida Presidente Kennedy conhecida como Rua do Caquende, conforme apontamos anteriormente.

6 Considerações Finais

Em nossa breve exposição, buscamos apresentar alguns topônimos de Santo Amaro como resultados dos processos históricos, políticos e sociais que influenciam no município até os dias atuais.

Percebemos que alguns topônimos se referem a apelidações e registros não oficiais e, também, há questões de representatividade a serem exploradas e reconhecidas, como a homenagem feita a João Soldado, por exemplo.

É importante destacarmos a relevância dos estudos e as indagações sobre essas nomenclaturas, principalmente, porque existe uma insuficiência no banco de registros e dos acervos do município em relação aos topônimos de “Santinho”.

Aos conterrâneos, fica o apelo para que procurem saber a história do seu espaço e aos que já conhecem, transmitam-nas, para que possamos compreender as relações de poder e o papel que diferentes grupos sociais na toponímia de determinado lugar.

Referências Bibliográficas

ALVES, K. S. *et al.* Inovações tecnológicas na sensibilização de moradores: uma proposta a ser aplicada para a preservação do córrego Caquente, Ouro Preto- Minas Gerais. *In: SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2011. Anais da Semana de Ciência e Tecnologia.* Ouro Preto: Instituto Federal de Minas Gerais, 2011, p. (out., 2011).

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, v.22, n.4, p. 81-86, 1987. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049>. Acesso em: 25 set. 2020.

BIDERMAN, M. T. C. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura* [online], v.58, n.2, p.35-37, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a14v58n2.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

CERQUEIRA, M. S. **O indígena do passado santamarense.** Trabalho de Conclusão de Curso. UNILAB/IHLM, 2016.

CURVELO-MATOS, H. R. Estudo toponímico dos nomes de bairros de São Luís/MA. *Matraga*, v.25, 2018. DOI <https://doi.org/10.12957/matraga.2018.32129>

DICK, M. V. P. A. A estrutura do signo toponímico. *Língua e Literatura*, n. 9, 1980. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1980.115875>

DICK, M. V. P. A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira.** 1ª. ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P. A. Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiotica et Linguística*, v. 7, n. 1, p. 97-122, 1998. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/16907/9631>. Acesso em: 29 set. 2020.

NACIF, P. G. S. Esta terra chamada Recôncavo Baiano. **Jornal A Tarde**, 16 de agosto de 2010. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/bibliotecacfp/noticias/7-esta-terra-chamada-reconcavo-baiano>. Acesso em: 26 set. 2020.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia lexicografia terminologia**. 2. ed. Minas Gerais: Campo Grande, 2001. p. 13-22.

PEDREIRA, P. T. **Memória histórico-geográfica de Santo Amaro**. Brasília: Centro Gráfico, 1977.

PIMENTA, J. R. Q. Toponímia e significação geográfica. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, v. 19, n. 1, p. 279-281, 2003. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8907/2/341.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.

SANTANA, R. F; TEIXEIRA, M. C. R. A Motivação Toponímica dos Nomes das Ruas de Cachoeira-Ba. *In*: LOPES, N. S.; SANTOS, E. S.; CARVALHO, C. S. (org.). **Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas, Fim Comum**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 99-112. DOI <https://doi.org/10.5151/9788580394016-06>

SANTOS, M. C. **Memórias compartilhadas: uma etnografia sobre a trajetória do idoso e o papel da memória na construção de identidades étnicas nas comunidades quilombolas de São Braz e Cambuta, em Santo Amaro- BA**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira/BA, 2016.

SILVA, R. M. *et al.* (org.). **Estudos qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações**. Sobral: Edições UVA, 2018.

Artigo recebido em: 30.09.2020

Artigo aprovado em: 14.03.2021